



COORDENAÇÃO ROSA NEVES SIMAS E CLARISSE CANHA | www.umaracores.org | geral@umaracores.org

Nota de Abertura ROSA NEVES SIMAS



Falemos do Azul e do Cor-de-rosa

Já que estamos em agosto, mês de bom tempo, descanso e férias, vamos relaxar e disfrutar do bom que a vida nos oferece. E entre aquelas coisas de que desfrutamos todos os dias, estão as cores, os tons cromáticos que preenchem o nosso olhar cada dia.

Depois, damos certos sentidos a certas cores. Por exemplo, o verde é considerado a cor da esperança, o preto do luto, o vermelho da dor. Mas há diferenças entre culturas. Em português, o azul é positivo e feliz, enquanto o "blue" em inglês é doloroso e triste.

Até ligamos os géneros às cores, atribuindo o azul aos meninos e o cor-de-rosa às meninas. Mas nem sempre foi assim.

Antes do século XX, as tintas eram caras e serviam para tingir as roupas dos adultos ricos. No início da indústria da moda infantil, as roupas de criança ficavam em tons naturais, com predominância do branco, e o vestido era usado por rapazes e raparigas, até aos 6 anos de idade, como se vê na famosa foto de 1884 do futuro presidente dos EUA, Franklin D. Roosevelt, quando tinha 2 anos. Quando introduziram cores, a tendência foi atribuir o azul, associado à Virgem Maria, às meninas, enquanto o rosa, ligado à força do vermelho, era dos meninos.

Foi na década de 1940 que a indústria têxtil trocou o passo, e começou a comercializar o azul como a cor masculina e o rosa como a cor feminina. Com o tempo, essa dicotomia foi atribuída aos brinquedos, acessórios e desenhos animados, agitando a indústria infantil e gerando os padrões atuais. ♦

Encontro. Parcerias No campo LGBT+

Plataforma em construção prossegue caminhos: 2011 Pride Açores - Festivais e Marchas. 2017 LGBT Ponta Delgada Açores. 2019 As Cores dos Açores...

MARIA JOSÉ RAPOSO
UMAR-Açores

A UMAR-Açores promoveu Encontro LGBT+ com a organização "As Cores dos Açores" e diferentes Parcerias.

Este primeiro encontro LGBT+ de Parcerias a fim de reunir interesses para a implementação duma Plataforma, teve lugar na sede da UMAR-Açores, em Ponta Delgada, no passado dia 12 do corrente mês de Agosto.

Contou com Pedro Garcia, o seu anfitrião, e diferentes pessoas e associações: UMAR-Açores, APF Açores, Novo Dia



e Solidariéd'arte e, ainda outras pessoas interessadas, assim como a presença online de ativistas e organizações, como Joana Brilhante, a AMPLOS, e a rede ex-AEQUO.

A meta é o ativismo pela comunidade LGBTI+, visando a educação e a inclusão.

Ver mais informação em: <https://www.facebook.com/AsCoresDosAcores>;

Associação AMPLOS – Associação de Mães e Pais pela Liberdade de Orientação Sexual e Identidade de Género;

Rede ex aequo associação de jovens lgbti e apoiantes. ♦

AMPLOS



rede ex aequo
associação de jovens lgbti e apoiantes



Agosto 2020

Janela sobre o passado...

A origem da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas reside na fundação do Grupo Português de Estudos Feministas, criado em 1907, por um núcleo de mulheres instruídas e cultas, dirigidas por Ana de Castro Osório, que tinha por objetivos difundir os ideais de emancipação feminina e promover publicações com vista a educar a mulher portuguesa, para um melhor desempenho das suas funções de mãe, de educadora e ativista. É em torno deste grupo que se vai formar a Liga — proposta lançada, em agosto de 1908, pela própria Ana de Castro Osório e por António José de Almeida, com o apoio de Bernardino Machado e Magalhães Lima. Como se depreende, o projeto era suportado pelo Partido Republicano e acabou por tomar forma legal em fevereiro de 1909. Assim nasceu a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas como uma frente de luta, não apenas a favor da emancipação e afirmação das mulheres, na sociedade portuguesa, mas contra a própria monarquia e o conservadorismo religioso, servindo,



SUSANA
SERPA SILVA

assim, vários propósitos do Partido Republicano.

As dirigentes desta associação eram mulheres de grande craveira intelectual, destacadas ativistas e com carreiras profissionais, unidas pelas causas feminista e sufragista: Ana de Castro Osório, jornalista e escritora, as mé-

dicas Carolina Beatriz Ângelo e Adelaide Cabete, a escritora e professora Maria Benedita Albuquerque Pinto, Maria Velela (pseudónimo de Maria Carolina Frederico Crespim), professora e jornalista... Uma das suas primeiras iniciativas, logo em 1909, foi a criação da Obra Maternal, instituição destinada a ajudar crianças em situações de risco, de modo a que não caíssem nas malhas da prostituição e do crime. A Obra não recebia qualquer apoio do estado e subsistia dos contributos das sócias, da sociedade civil e das receitas provenientes da realização de eventos culturais. Outras iniciativas importantes foram a publicação da revista A Mulher e a Criança (1909-1911) e do jornal A Madrugada (1911-1918), verdadeiros órgãos da associação. Algumas reivindicações que a Liga defendeu, após a



Rostos da LRMP
(Suplemento do jornal O Século, 12/05/1910).
Fonte: <https://ahistori.anacidade.wordpress.com/tag/feminismo-em-portugal/>

implantação da República, foram a revisão do Código Civil, da lei do divórcio e do direito ao voto, ainda que de cariz censitário. Esta particularidade (de circunscrição do voto apenas a mulheres cultas e que pagassem impostos, para não afrontar os governantes) gerou uma cisão entre o grupo conservador (liderado por Ana de Castro Osório) e o mais radical (encabeçado por Maria Velela). Ainda assim, a Liga sobreviveria até 1919, mantendo sempre, durante a sua atividade, uma significativa campanha a favor da instrução feminina, pelo direito ao voto e à igualdade de género e contra a pobreza e outras formas de exclusão social. ♦

susana.pf.silva@uac.pt